



POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS, ROTINA ESCOLAR E ADOECIMENTO PSÍQUICO DOCENTE

Leandro Ferreira Melo *

RESUMO

Nesta pesquisa buscou-se verificar quais são as relações entre políticas públicas, a rotina escolar e a saúde psíquica docente. Fizeram parte deste estudo 30 professores do Ensino Fundamental II e Médio de uma escola pública de São Paulo. Para alcançar os objetivos propostos, foi estruturado um questionário sobre as principais questões que têm afetado a saúde docente, a partir de elementos extraídos de pesquisas que abordam essa problemática. Foram estabelecidas três categorias que abrangem as 31 questões do instrumento utilizado: “carreira docente”; “relação dos alunos com o aprendizado”; e “vida funcional docente”, a fim de propor uma melhor interpretação dos resultados obtidos. As respostas mais frequentes estão relacionadas às políticas públicas educacionais de valorização da carreira docente, como: “descaso do sistema”; “falta de perspectivas”; “longa jornada de trabalho”; “desvalorização profissional”; “baixos salários” e a “falta de políticas de valorização da carreira docente”. Dentre estas, a questão mais impactante diz respeito aos “baixos salários”. Quase a totalidade dos professores apontou-na como um aspecto que afeta diretamente a rotina escolar e consequentemente a saúde docente. Fica evidente que o forte sentimento de frustração, em relação à falta de valorização do sistema para com o magistério, contribui para o adoecimento psíquico dos professores. Desse modo, faz-se necessário que os gestores das políticas públicas educacionais entendam que a valorização docente é fator primordial para o bem-estar do processo educativo, ou seja, da rotina escolar e saúde psíquica docente.

PALAVRAS-CHAVE: Professores. Políticas Educacionais. Rotina Escolar. Adoecimento Psíquico. Síndrome *Burnout*.

ABSTRACT

This research aimed to verify the relationships between public policies, the school routine and the psychic teaching health. Thirty teachers from Elementary and Middle School of a public school in São Paulo participated in this study. To reach the proposed objectives, a questionnaire was structured on the main issues that have affected teacher health, based on elements extracted from research that address this problem. Three categories were established that cover the 31 questions of the instrument used: "teaching career"; "Relationship of students with learning"; And "functional teacher life", in order to propose a better interpretation of the results obtained. The most frequent answers are related to the educational public policies of valorization of the teaching career, as: "neglect of the system"; "Lack of perspective"; "Long working day"; "Professional devaluation"; "Low wages" and "lack of teacher career enhancement policies". Of these, the most striking issue concerns "low wages". Almost all teachers pointed to it as an aspect that directly affects school routine and consequently teacher health. It is evident that the strong feeling of frustration, regarding the lack of valorization of the system towards the teaching profession, contributes to the psychic sickness of the teachers. Thus, it is necessary for managers of educational public policies to understand that teacher appreciation is a primary factor for the well-being of the educational process, that is, of school routine and psychic teaching health.

KEYWORDS: Teachers. Educational Policies. School Routine. Psychic Overdrive. Burnout Syndrome

* Professor de Educação Básica II. Doutorando Universidade Federal de São Paulo. melo.leo75@gmail.com

Introdução

A escola pública, sua rotina e seus sujeitos têm sido alvos de inúmeras investigações no intuito de se compreender as relações imersas no cotidiano escolar. Um dos temas bastante discutidos atualmente é sobre a rotina escolar e suas implicações para a saúde docente.

Os pesquisadores que se empenham em estudar essa temática, em específico a rotina das instituições de ensino, apontam que existe uma série de fatores que podem desencadear o “mal-estar” na saúde docente. Tais pesquisas demonstram, ainda, que um dos principais fatores citados pelos professores, em relação a condições que afetam sua saúde, é a sobrecarga de trabalho e a multiplicidade de tarefas (inclusive aquelas que não fazem parte de suas atribuições) como contribuições diretas para seu esgotamento físico e adoecimento psíquico.

É unânime o discurso de que o exercício da docência (ensino) não deveria ser tão árduo, chegando ao ponto ser um tormento. Como apontou Mendes (2007, p. 51), “Um dos sentidos do trabalho é o prazer. Esse prazer emerge quando o trabalho cria identidade [...]”. Essa identidade “[...] permite que o trabalhador se torne sujeito da ação, criando estratégias, e com essas possa dominar o seu trabalho e não ser dominado por ele [...]” (MENDES, 2007, p. 51). Porém, o que acontece nas escolas é o inverso deste princípio.

As mudanças que afetam diretamente a instituição escolar e conseqüentemente os docentes, principais sujeitos do processo educativo, são reflexo das inúmeras mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo. É possível perceber que muitos dos problemas enfrentados nas escolas pelos docentes, são de origens extraescolares, pois fazem parte da “crise social”.

A rotina escolar, por sua vez, sua estrutura organizativa, prioridades e andamentos cotidianos, é diretamente afetada pelas prioridades da presente sociedade capitalista, que valoriza o ter em detrimento do ser, a aparência que a essência (LIBÂNEO, 2012).

A partir dos princípios neoliberais, principalmente da visão mercadológica da educação, leva também a alienação e redução do processo educativo ao utilitarismo tecnicista. Valoriza-se o acúmulo de informação, ao invés do desenvolvimento de conhecimentos reflexivos que culminem na “emancipação” crítica do ser. Dá-se a impressão, que esse tipo de educação está a serviço do sistema de produção (GENTILI, 1994), pois acaba por contribuir para o tolhimento do sentido emancipatório que deveria ter, e para o surgimento, reprodução e fortalecimento das tensões e pressões presentes no ofício docente (ARROYO, 2000).

A alienação que já está presente se torna ainda mais forte, não permitindo que os docentes reflitam e tomem consciência do assujeitamento ao qual estão “condicionados” (FREIRE, 1996) e não percebendo também como este tipo de violência afeta suas saúdes psíquicas. Assim, vemos o processo crescente de pauperização da identidade educacional, da identidade docente e conseqüentemente a qualidade da identidade formativa discente (PATTO, 2007).

O professor se torna refém da estrutura cotidiana. Rotina dialética de pressão e opressão que influencia diretamente seus desempenhos e conseqüentemente o dos seus alunos. Infelizmente, a rotina escolar tem contribuído diretamente para o surgimento/fortalecimento de problemas na saúde mental dos docentes.

Dejours (1993) apontou que não é exatamente o trabalho em si que leva ao adoecimento, mas a rotina das inter-relações estabelecidas, como as de âmbito emocionais, afetivas e funcionais. A rotina coisificada, com suas pressões, afeta e influencia no esvaziamento das relações interpessoais, provocando desmotivação, descrença, desânimo, tensões etc., chegando ao ponto de os professores necessitarem de hospitalizações e licença para tratamento de saúde. Há casos em que são desenvolvidas fobias, gerando no docente desânimo (adoecimento) e até pavor pelo ambiente e rotina escolar. Neste panorama está o fenômeno conhecido como Síndrome de Burnout, que é definido como um esgotamento físico e mental que afeta a realização pessoal. Maslach (2001) apontou que esta síndrome apresenta três características básicas: “exaustão emocional”, “despersonalização” e a “perda da realização pessoal”. Estas adversidades, por sua vez, como resultado, têm levado os docentes a não aguentarem as pressões da rotina escolar, sucumbindo ao adoecimento psíquico. Em função disso, muitos são afastados por recomendações médicas; recebem licenças, são

readaptados, outros, enfrentam a situação, mesmo sem condições psicológicas, muitos à base de medicamentos, principalmente antidepressivos. Parcela significativa não aguenta, assim, acabam se afastando, outros chegam mesmo a pedir exoneração do cargo.

Mesmo diante de todos os problemas enfrentados na escola, há aqueles que agem como se nada estivesse acontecendo. Este tipo de comportamento pode ser classificado como uma “normalidade sofrente”, uma “anestesia psíquica” (DEJOURS, 1992). Esteve (1987) aponta o fenômeno como um “mecanismo de inibição”, defesa. Neste sentido, Dejours (1993, p. 35) diz ainda que “Se o sofrimento não se faz acompanhar de descompensação psicopatológica (ou seja, de uma ruptura do equilíbrio psíquico que se manifesta pela eclosão de uma doença mental), é porque contra ele o sujeito emprega defesas que lhe permitem controlá-lo”.

O defensivo é de suma importância para que a saúde mental não seja atingida de forma mais intensa e assim gerar distúrbios psíquicos. É isto o que mantem, principalmente os docentes, ativos e com ânimo para enfrentarem a dura rotina escolar. Porém, é necessário enfrentar o sofrimento com outros métodos, uma das possibilidades é por meio de “ações coletivas”, não apenas de formas defensivas ou anestésicas. Esteve (1987, p. 12) diz que às vezes “[...] Sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por que”.

A questão que surge é, além dos fatores mencionados, quais outros podem afetar a saúde docente?

Há inúmeras pesquisas realizadas a partir do cotidiano escolar sobre o problema em apreço, e, inúmeras teorias e conclusões sendo construídas e disseminadas a respeito das influências da estrutura escolar na saúde física e mental docente e as influências negativas em seus desempenhos acadêmicos. Porém, parte destas pesquisas desenvolveram, em nosso entendimento, acompanhamentos, quando feitos, com pouco aprofundamento, seja porque tiveram como fundamentos apenas levantamentos bibliográficos ou porque não acompanharam de forma aproximada a realidade escolar a longo prazo. Por outro lado, há pesquisas muito bem elaboradas, porém que se prendem a uma área do conhecimento ou até mesmo a uma disciplina, ficando, desse modo, extremamente delimitadas a certos campos do saber, não conseguindo explicar de forma holística os fenômenos estudados (LAVILLE, 1999).

Por isso que em pesquisas sobre a rotina e sujeitos escolares, há a necessidade do desenvolvimento de estudos interdisciplinares, que busquem analisar, como apontou Laville (1999, p. 41), as “multicausalidades e os encadeamentos de fatores de natureza e peso variáveis que se conjugam e interagem”, para assim ser possível “determinar os múltiplos fatores da situação pesquisada, compreender sua complexidade e explica-los”. E, desse modo, “contribuir para aumentar a soma dos saberes disponíveis” fundamentados cientificamente, para que, dessa forma, possa desenvolver a tríade que caracterizam as pesquisas interdisciplinares: “compreender, explicar e prever” (LAVILLE, 1999, p. 41).

Nesta pesquisa, entende-se por rotina escolar, o ambiente pedagógico de interações (dialética) entre os profissionais da educação e os estudantes. Ambiente de desenvolvimento da aprendizagem discente e desenvolvimento do trabalho docente que, de acordo com Dejours (1993, p. 43), pode vir a apresentar um duplo caráter, “[...] por um lado é fonte de realização, satisfação, prazer, estruturando e conformando o processo de identidades dos sujeitos; por outro, pode também se transformar em elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde [...]”, principalmente a saúde mental.

Assim, o objetivo da pesquisa foi de compreender, a partir da visão docente, os fatores ligados à rotina escolar, em graus de intensidade, que estão afetando sua saúde psíquica e conseqüentemente a rotina escolar (eficácia docente) e o processo de ensino-aprendizagem.

Método

Fizeram parte deste estudo 30 professores do Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos) e Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries) de uma escola pública de São Paulo. A escolha do presente público se deu por conta de que essas séries apresentam problemas comuns, que não são tão frequentes em outras, de acordo com a literatura. Para alcançar os objetivos propostos, foi estruturado um questionário sobre as principais questões que têm afetado a saúde docente, a partir de elementos extraídos de pesquisas que abordam essa problemática. O questionário foi composto de uma lista de 31 fatores, acompanhados por quatro descritores de intensidades: Nula, Baixa, Alta, Altíssima.

Foram convidados a participar do estudo todos os professores da escola, dentro dos níveis de ensino escolhidos.

Dos 51 professores, 30 aceitaram e responderam o questionário, que foi entregue e aplicado aos professores durante as Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), no primeiro semestre do ano de 2016. Para a análise dos resultados, os dados foram tabulados em planilhas do Excel, calculado a frequência e porcentagem das respostas em relação à intensidade dos fatores propostos.

Resultados e Discussão

Nesta apresentação dos resultados foram estabelecidas, como critério de análise, três categorias que abrangem as 31 questões fixas do instrumento utilizado. As categorias se referem à “carreira docente”; “relação dos alunos com o aprendizado”; e “vida funcional docente”, a fim de propor uma melhor interpretação dos resultados obtidos.

Os resultados foram organizados em um gráfico e uma tabela, com vistas a facilitar, enquanto recurso didático, a visualização dos resultados. O gráfico 01 expõe as respostas encontradas, em relação à visão dos professores sobre os principais aspectos que afetam a rotina escolar, em graus de intensidade, há destaque para a quantidade de professores que responderam cada item como fator “altíssimo” em determinados itens.

Ao olharmos o gráfico 01 é possível de imediato ver quais são as problemáticas mais evidenciadas que afetam de forma “altíssima” (negativamente) a rotina escolar. Do item 1 ao item 6, são pontos que se enquadram na categoria carreira docente. O item 16, que também recebeu grande porcentagem de respostas, diz respeito à categoria relação dos alunos com o aprendizado. Os itens 29 e 30 se enquadram na categoria vida funcional do professor. Estes foram citados de forma mais intensa, ou seja, mais de 50% dos participantes destacaram esses fatores como aqueles que afetam negativamente a rotina escolar; gerando, desta forma, problemas para o desenvolvimento pedagógico e afetando também a saúde docente.

Entretanto, observa-se que, dentre todas as categorias, as respostas mais frequentes, estão relacionados às políticas públicas educacionais de valorização da carreira docente, como por exemplo: “descaso do sistema”; “falta de perspectivas”; “longa jornada de trabalho”; “desvalorização profissional”; “baixos salários” e a “falta de políticas de valorização da carreira docente”, este último exposto nas respostas de 27 dos 30 participantes. Dentre estas, a questão mais impactante diz respeito aos “baixos salários”. Quase a totalidade dos professores apontou-na como um aspecto que afeta diretamente a rotina escolar e conseqüentemente a saúde docente.

O item 32 (excesso de alunos em sala de aula) não foi colocado como opção no questionário, pois queríamos verificar se algum dos participantes citaria este fator no espaço “aberto” para outros apontamentos relevantes. E de fato 7 professores relataram voluntariamente que a quantidade de alunos em sala de aula é um fator que afeta a rotina escolar. Este fato, para os mesmos, afeta todo processo educartivo, inclusive as avaliações do ensino-aprendizagem.

Os itens referentes à categoria vida funcionais docente expõem um problema grave para a prática docente, ou seja, aquilo que está descrito no item 29: falta de tempo para estudar, preparar aulas. De acordo com professores este fator é intensificado principalmente pela extensa carga horária de trabalho. Soma-se a isto o excesso de responsabilidades e exigências aos professores (item 30, um dos mais citados).

Os docentes que participaram da pesquisa relataram, após os questionários terem sido aplicados (os pesquisadores tomaram notas), que estes fatores engessam, dificultam e até os impossibilitam de pensar, refletir, planejar e replanejar suas práticas, práticas que deveriam ser naturais ao longo do exercício do magistério. Assim, basicamente atuam no “automático”.

Tais achados corroboram com outras pesquisas na área, as quais elucidam a questão do acúmulo de funções e falta de tempo. Numa revisão feita por Dalagasperina e Monteiro (2014) fatores como estes são, ainda, preditores da síndrome de Burnout, pois na medida em que assumem tarefas que não fazem parte da profissão, isto contribui para que os professores se sintam desrespeitados e a desestimulados.

Assunção e Oliveira (2009) discutem essa intensificação do trabalho docente. Para os autores há um excesso de atribuições e responsabilidades que são “estranhas” as funções docentes, além dos trabalhos extraclases, essas muitas tarefas que o professor

acaba assumindo seriam, na realidade, papel de outras instituições sociais. Esses fenômenos, segundo eles, contribuem para a ansiedade do docente, assim não conseguem desempenhar sua real função, pois estão condicionados a outras atribuições.

Estas situações, também, não permitem aos professores aprimorarem sua prática cotidiana, como o que propõem as pesquisas sobre a função docente. Isabel Alarcão (2003) em seu importante livro “Professores reflexivos em uma escola reflexiva” discute a respeito da importância da reflexão da prática pedagógica para se construir uma escola que pensa seus objetivos, suas ações e efeitos sociais. Miguel Arroyo (2000), em seu notável tratado “Ofício de Mestre”, fez importantes considerações sobre esta questão, principalmente sobre a função docente enquanto um modo de ser-viver.

Paulo Freire (1996, p. 01) a esse respeito, apoia-se nas discussões do processo de ensino como uma função difícil que exige segurança e profissionalismo, isto só é possível com reflexão das ações subjetivas e intersubjetivas. Por isso o autor destacou que ensinar exige pesquisa, desse modo, a reflexão com rigor crítico-intelectual deve ser praticada constantemente por aqueles que estão a navegar no oceano da função docente, entretanto, a organização do contexto escolar nem sempre contribui para as necessárias reflexões a respeito da prática docente.

Como fator mais frequente em relação ao nível “altíssimo” tivemos o item 5, que diz respeito a questão salarial (baixos salários), que se relaciona a categoria “carreira docente”.

Diante disso, emerge uma importante pergunta: como os baixos salários afetam a saúde psíquica docente e conseqüentemente a rotina escolar? A resposta a qual chegamos, a partir do referencial teórico utilizado, das observações e discussões feitas in loco com os docentes, foi que não é a rotina escolar em per si que afeta a saúde docente, mas há variáveis externas que afetam diretamente a própria rotina escolar, como a falta de valorização do “trabalho docente”. Neste sentido a discussão sobre a importância do trabalho e seu poder no processo de realização ou adoecimento do ser humano se faz necessária (ESTEVEVES, 1987).

Hegel entendia o trabalho como a essência do homem. Para Marx (2004), o trabalho tem dimensão ontológica, é uma atividade vital que contribui para obtenção das características vitais à espécie humana. Por meio deste se manifesta a distinção entre o homem e o animal (OLIVEIRA, 2010). Através do trabalho o homem cria sua a

realidade, constrói sua sociabilidade. O trabalho, portanto, atua como mediador na formação do ser social, pois interfere diretamente na produção e evolução da sua mentalidade social (VYGOTSKI, 1991), sendo desta forma, um agente que leva o homem a desenvolver sua humanidade social e realizar suas satisfações produtivas. Assim, toda pessoa que exerce uma função (trabalho) necessita de ser reconhecida, valorizada e principalmente ganhar o que lhe faz jus.

Deste modo, os aspectos relacionados às políticas públicas para a carreira docente, principais achados da pesquisa, como apontado pelos docentes, exercem fortes influências na carreira/saúde/rotina escolar.

À medida que se veem desvalorizados pelas políticas que diretamente conduzem, estruturam e direcionam suas carreiras, é intensificada a falta de perspectivas, fortalecendo assim suas frustrações. Tais fatores afetam o estado psicoemocional docente, principalmente sua autoestima e autoeficácia, o docente passa a acreditar que não faz um bom trabalho.

Com efeito, o que se observou foi que essas frustrações/desilusões são transferidas para a rotina escolar, que por sua vez, sobrecarregada de tais sentimentos, transferem ao professor os aspectos negativos do trabalho, levando-os a sofrerem os efeitos em suas saúdes psíquicas. Nestas evidências há uma clara manifestação da Síndrome de Burnout, com aspectos relacionados à “exaustão emocional”, “perda da realização pessoal” e a “despersonalização”, refletido nas respostas dos professores.

De acordo com Neves e Silva (2006) a desvalorização da imagem do professor e a precarização do trabalho docente é evidenciado ainda mais pelos baixos salários. Esta realidade é apontada em outras tantas pesquisas, como por exemplo: (NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2008); (AMORIM, 2009); (LIMA e LIMA-FILHO, 2009); (BRITO e alt, 2014).

Libâneo (1998, 2012) cita que a desvalorização docente; os baixos investimentos educacionais, as estruturas arcaicas, as pressões exercidas pela rotina escolar, a quantidade de alunos em salas de aulas, a falta de tempo para estudos e planejamentos das aulas, são fatores que têm fortalecido o desgaste da instituição escolar, afetando desta forma, diretamente sua rotina e conseqüentemente a identidade docente. Pesquisas de (BARRETO, 2004); (BUENO, 2002); (CODO, 1999); (DEJOURS, 1992, 1993); (ESTEVE, 1987); (MASLACH, 1999); (MENDES, 2007), entre outros,

demonstram que, por conta também deste processo, sérios problemas vêm afetando a condição física, afetiva e emocional docente, chegando ao ponto de gerar psicopatologias, como a síndrome Burnout.

A figura do professor, sua função social e sua carreira parecem estar sendo desvalorizadas em vários aspectos, éticos, políticos, sociais, etc., e os dados demonstraram que isso tem afetado diretamente a sua saúde, uma vez que estes fatores atuam diretamente sobre a rotina escolar, ou seja, o dia a dia do docente.

Considerações Finais

É possível fazer outras leituras dos resultados obtidos neste estudo, mas aquelas que foram elucidadas nesta discussão nos forneceram uma base introdutória para refletir. A principal crítica que os professores fizeram foi sobre as políticas públicas que são definidas para o magistério sem levarem em conta suas opiniões.

Nesta perspectiva, é necessário que as políticas públicas atentem para o fenômeno do adoecimento docente advindo de políticas educacionais (ou falta de tais) não satisfatórias para o magistério, isto tem afetado diretamente a saúde docente, bem como a qualidade educacional e formação dos alunos.

Enquanto os docentes não tiverem uma rotina escolar adequada (humana/humanizada) para o exercício de suas funções, não terão o sucesso necessário as demais políticas educacionais, como por exemplo, as curriculares. Portanto, é urgente que se ataque as raízes do problema.

Desta forma, conclui-se que, é evidente que o forte sentimento de frustração em relação da falta de valorização do sistema à carreira docente, contribui para o adoecimento psíquico dos professores. Faz-se necessário, desse modo, que os gestores das políticas públicas educacionais entendam que a valorização docente é primordial, para a saúde do professor e sua rotina escolar, bem como para a eficácia da função docente no alcance dos objetivos educacionais, isto é, a formação integral dos educandos enquanto cidadão críticos..

Referências

- ALARCÃO, I. Professores Reflexivos em Uma Escola Reflexiva. São Paulo. Editora Cortez, 2003.
- AMORIM, P. S. Saúde ocupacional dos professores: revisão da literatura. In: Saúde ocupacional dos professores: revisão da literatura. UFF, 2009.
- ASSUNÇÃO, A. Á. OLIVEIRA, D.A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. Educ. Soc. [online]. 2009, vol.30, n.107 [cited 2016-10-07], pp.349-372.
- ARROYO, M. G. Ofício de Mestre: Imagens e Auto-Imagens. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2000.
- BARRETO, M. “Os educadores estão doentes. Quem são os responsáveis?” Informativo do Sindicato Municipal dos Profissionais de Ensino da Rede Oficial do Recife. Recife: SIMPERE, novembro de 2004.
- BUENO, B. O; LAPO, F. R. A síndrome de burnout e o trabalho docente. Psicologia - USP, 13 (2), 2002.
- BRITO, J. B. R.; H. L. C.; NEVES, M. Y.; OLIVEIRA, S. R. L. Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França. Physis [Internet]. 2014 [cited 2016 Oct 07] ; 24(2): 589-605.
- CODO, W. (coord.). Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J.K.. Preditores da síndrome de burnout em docentes do ensino privado. Psico-USF, Itatiba, v. 19, n. 2, p. 263-275, Aug. 2014.
- DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5 ed. São Paulo, Cortez – Oboré, 1992.
- DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho: contribuição de escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1993.
- ESTEVE, J. M. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1987.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia – Saberes Necessários à prática Educativa. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GENTILI, P.; SILVA, T. T. (org). Escola SA. Brasília: CNTE, 1994.
- LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Educ. Pesquisa [online]. 2012, vol.38, n.1, pp. 13-28. Epub Oct 21, 2011. ISSN 1517-9702.
- _____. OLIVEIRA, J. F. A Educação Escolar: sociedade contemporânea. In: Revista Fragmentos de Cultura, v. 8, n.3, p.597-612, Goiânia: IFITEG, 1998.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber – manual de metodologia em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LIMA, M. F. & LIMA-FILHO, D.O. (2009). Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. Ciências & Cognição, 14(3), 74-89.
- MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MASLACH, C; LEITER, M. P. Trabalho: Fonte de prazer ou desgaste? Guia para vencer o estresse na empresa (M.S. Martins, Trad.). Campinas: Papyrus, 1999.

MENDES, A. M. et al. Trabalho e saúde – O sujeito entre emancipação e servidão. Curitiba: Juruá, 2007.

NEVES, M. Y; Seligmann-SILVA, E. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 63-75, 2006.

NORONHA, M. M. B.; ASSUNÇÃO, A. Á. ; OLIVEIRA, D. A. O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da rede pública de Montes Claros, Minas Gerais. Trab. educ. saúde [online]. 2008, vol.6, n.1 [cited 2016-10-07], pp.65-86.

OLIVEIRA, R. A. A Concepção de Trabalho na Filosofia do Jovem Marx e suas Implicações Antropológicas. In: Kínesis (Marília), v. 2, p. 72-88, 2010.

PATTO, M. H. S. “Escolas cheias, cadeias vazias” nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. Estud. av., São Paulo, v. 21, n. 61, p. 243-266, Dec. 2007.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. Comunicado Conjunto CGEB / CGRH, publicado em 27 de fevereiro de 2014. São Paulo: SEE, 2014.

VYGOTSKI, L. S. A formação Social da Mente. Livraria Martins Fontes - Editora Ltda. São Paulo - SP 1991. 4ª edição brasileira.